



**CENTRO UNIVERSITÁRIO FUNVIC**



**Débora Flávia Ramos dos Santos  
João Pedro Diniz Rangel Barreira  
Maria Clara de Oliveira Lacerda Silveira**

**A PRESENÇA DO GÊNERO MASCULINO NA EDUCAÇÃO  
INFANTIL**

**Pindamonhangaba-SP  
2021**



**CENTRO UNIVERSITÁRIO FUNVIC**



**Débora Flávia Ramos dos Santos  
João Pedro Diniz Rangel Barreira  
Maria Clara de Oliveira Lacerda Silveira**

## **A PRESENÇA DO GÊNERO MASCULINO NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Monografia apresentada como parte dos requisitos para obtenção do Diploma de Licenciatura em Pedagogia do Curso de Pedagogia do Centro Universitário - UNIFUNVIC.

Orientadora: Profa. MSc. Alessandra Junqueira Vieira Figueiredo

**Pindamonhangaba-SP  
2021**

BARREIRA, João Pedro Diniz Rangel; Débora Flávia Ramos dos; SILVEIRA; SANTOS, Maria Clara de Oliveira Lacerda.

A Presença do Gênero Masculino na Educação Infantil/BARREIRA, João Pedro Diniz Rangel; Débora Flávia Ramos dos; SILVEIRA; SANTOS, Maria Clara de Oliveira Lacerda / Pindamonhangaba-SP : UniFUNVIC Centro Universitário FUNVIC, 2021.

25f. : il.

Monografia (Graduação em Pedagogia) UniFUNVIC-SP.

Orientador: Profa. MSc. Alessandra Junqueira Vieira Figueiredo.

1 Gênero Masculino. 2 Educação Infantil. 3 Desigualdade e sexualidade. 4 Desafios a serem enfrentados I.A Presença do Gênero Masculino na Educação Infantil II BARREIRA, João Pedro Diniz Rangel; SANTOS, Débora Flávia Ramos dos; SILVEIRA, Maria Clara de Oliveira Lacerda.



**CENTRO UNIVERSITÁRIO FUNVIC**



**Débora Flávia Ramos dos Santos  
João Pedro Diniz Rangel Barreira  
Maria Clara de Oliveira Lacerda Silveira**

## **A PRESENÇA DO GÊNERO MASCULINO NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Monografia apresentada como parte dos requisitos para obtenção do Diploma de Licenciatura em Pedagogia do Curso de Pedagogia do Centro Universitário - UNIFUNVIC.

Data: 06 de dezembro de 2021

Resultado: \_\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

Profa.: Daniela Carvalho - Faculdade de Pindamonhangaba

Assinatura: \_\_\_\_\_

Profa.: Fernanda Carvalho Caldas da Silva - Faculdade de Pindamonhangaba

Assinatura: \_\_\_\_\_

Profa.: MSc. Marina Buseli- Faculdade de Pindamonhangaba

Assinatura: \_\_\_\_\_

## DEDICATÓRIA

Dedicamos esse trabalho primeiramente a Deus, que sempre nos deu forças para seguir e vencermos cada obstáculo de nossas vidas. Seremos eternamente gratos aos nossos pais e familiares que, com seu amor e dedicação, sempre nos apoiaram em cada etapa.

Aos nossos professores que acreditaram em nosso potencial durante todo o curso, sempre nos impulsionando a sermos melhores em nossa graduação.

A todos aqueles que foram fundamentais para chegarmos até o fim, estando presentes fisicamente ou não, mas sempre sendo exemplos de humildade e amor para nós.

## **AGRADECIMENTO**

A Deus, por nos permitir chegarmos até aqui e pela determinação de ultrapassar todos os obstáculos encontrados ao longo da realização deste trabalho.

Aos nossos pais e familiares, que nos incentivaram nos momentos difíceis e não nos deixaram desistir de nosso sonho.

Aos professores, pelas correções e ensinamentos que nos permitiram apresentar um melhor desempenho em nosso processo de formação profissional ao longo do curso.

Aos colegas de curso, com quem convivemos intensamente durante os últimos anos, pelo companheirismo e pela troca de experiências que nos permitiram crescer não só como pessoas, mas também como formandos.

A professora Alessandra Junqueira Vieira Figueiredo, por ter sido nossa orientadora e ter desempenhado tal função com dedicação e amizade.

A coordenadora do curso de Pedagogia Marina Buselli, por seus ensinamentos que nos possibilitou uma aprendizagem completa para nos tornarmos profissionais capacitados para exercermos nossa profissão com êxito.

O nosso grande agradecimento a todos que participaram desta nossa caminhada e nos ajudaram a chegar em nosso objetivo: nos tornarmos pedagogos.

## **RESUMO**

O presente trabalho surgiu no intuito de discutir, refletir e comentar sobre o papel do educador do gênero masculino dentro das instituições de ensino infantil, de 0 a 6 anos. Desta forma, esse constitui o objetivo de nossa pesquisa, por meio da qual foi possível constatar que a presença reduzida de homens atuando como docente na educação infantil é um reflexo da construção histórica dos papéis sociais que associam o gênero feminino ao cuidado e à educação de crianças pequenas. Minoria em quase todos os níveis de ensino, possuindo destaque na Educação Infantil e Ensino Fundamental I, os homens tentam ganhar espaço neste ambiente historicamente dominado pelas mulheres e levantam questões como preconceito, desvalorização do trabalho docente e construções sociais que envolvam escola, família e comunidade. Com a análise de diversos autores que comentam e estudam sobre o assunto, entre eles, encontram-se Louro (1997), Cerisara (1999), Scott (1996), foi possível confirmar nossa hipótese de que existe a presença de desafios na inserção e permanência dos docentes, pois, muitas vezes, além do preconceito enfrentado, estes são deslocados para outros cargos dentro da própria instituição. É de suma importância repensar a formação e a atuação dos educadores na educação infantil, buscando possibilidades de ressignificação sobre os papéis de gênero.

**Palavras-chave:** Gênero masculino. Educação infantil. Masculinidade. Identidade de gênero.

## **ABSTRACT**

This paper arose in order to discuss, reflect and comment on the role of the male educator within early childhood education institutions from 0 to 6 years. Thus, this is the objective of our research, through which it was possible to verify that the reduced presence of men acting as teachers in early childhood education is a reflection of the historical construction of social roles that associate the female gender with the care and education of children. A minority at almost all levels of education, with emphasis on Kindergarten and Elementary School I, men try to obtain space in this environment historically dominated by women and raise issues such as prejudice, teaching work's devaluation and social constructions involving school, family and community. With the analysis of several authors who have commented and studied on the subject, among them, there are Louro (1997), Cerisara (1999), Scott (1996), it was possible to confirm our hypothesis that there are challenges in the insertion and permanence of teachers, because, frequently, in addition to the prejudice the male educator has to face, they are moved to other positions in the institution itself. It is extremely important to rethink the formation and performance of educators in early childhood education, seeking possibilities for reinterpretation of the gender roles.

**Keywords:** Male gender. Early childhood education. Masculinity. Gender identity.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2 REVISÃO DA LITERATURA .....</b>	<b>11</b>
2.1 AS DIFICULDADES AO LONGO DA HISTÓRIA EM RELAÇÃO AO HOMEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL .....	14
2.2 DESIGUALDADE DE GÊNERO .....	16
2.3 GÊNERO E SEXUALIDADE .....	17
2.4 DESAFIOS A SEREM ENFRENTADOS PELO PROFESSOR DO SEXO MASCULINO AO LECIONAR PARA CRIANÇAS .....	19
2.5 A EXISTÊNCIA DO GÊNERO MASCULINO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM AMBIENTE APENAS PARA MULHERES? .....	20
2.6 UMA BREVE ANÁLISE DA PRESENÇA DE PROFESSORES DO SEXO MASCULINO NA EDUCAÇÃO INFANTIL .....	21
2.7 A LEGISLAÇÃO EM RELAÇÃO AO DOCENTE MASCULINO NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	22
<b>3 MÉTODO.....</b>	<b>23</b>
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>23</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>25</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo principal entender como é a presença masculina na Educação Infantil, tendo em mente que historicamente os anos iniciais tem sido um espaço dominado pela presença da mulher e, com isso, totalmente ligado ao gênero feminino, consequentemente associado a representações produzidas socialmente sobre o corpo feminino e funções consideradas como sendo unicamente de mulheres.

No percurso dos estudos realizados, foram trazidas à luz questões que podem vir a contribuir com uma reflexão sobre as relações de gênero, discutindo sobre a formação do professor do sexo masculino na Educação Infantil e Ensino Fundamental I. Relações essas que, ao longo dos tempos, demarcaram campos distintos em nossa história, apresentando diferenças em diversos aspectos sociais e históricos e a dificuldade de se lidar com elas na sociedade.

O tema do presente trabalho despertou em nós o interesse, atentando-nos para a pouca presença de homens, tanto no curso de pedagogia, como nos espaços de Educação Infantil. Os objetivos que são propostos para a educação infantil não possuem ligação nenhuma ao gênero do profissional. Entendemos que isso se dá, uma vez que homens e mulheres podem desempenhar um bom trabalho na educação infantil e proporcionar à criança pequena contato aos bens socialmente construídos pela humanidade, como linguagem, números, movimento e música.

Este trabalho aborda a concepção da educação infantil e as atividades básicas de uma escola em cuidar do aluno dessa faixa etária, fazendo uma relação ao gênero masculino como professor atuante, que sofre preconceitos por lecionar neste segmento. Partindo do pressuposto de que é a formação que capacita os profissionais a trabalharem na Educação Infantil e frente à problemática exposta, este trabalho tem como objetivos específicos problematizar como o papel de professor de crianças pequenas foi sendo relegado à mulher. Além disso, busca reconhecer a importância da formação do profissional para atuar na Educação Infantil e analisar a compreensão do ponto de vista dos professores e famílias quanto à atuação de profissionais do gênero masculino nesta esfera da educação.

## 2 REVISÃO DA LITERATURA

Historicamente é notório a grande presença de mulheres na docência da Educação Infantil e, com isto em mente, é comum que a percepção da sociedade e das próprias profissionais do meio da educação enxerguem tal presença feminina como algo “comum”. Isto se deve pelos fatores culturais, sociais e emocionais que a nossa sociedade impõe ao gênero feminino, ou seja, o papel de educar e cuidar de uma criança, designando ao gênero masculino outras competências tais como as relacionadas ao trabalho “braçal”. Segundo Cerisara (1996, *in*. Souza. 2016),

[...]A educadora de crianças de 0 a 6anos, situa-se em um universo feminino, que se apresenta desvalorizado em relação ao que se convencionou chamar de universo masculino, cujo modelo de trabalho é tido como racional ou técnico e onde predominam relações de impessoalidade nos espaços públicos. (CERISARA, 1996,p.159)

Dessa forma, é possível observar a dominação da mulher na atuação como professora nos anos iniciais da educação. Observa-se também a relevância do modo com que os gêneros masculino e feminino são pré-definidos e impostos na sociedade atual. Portanto, a pequena quantidade de homens no meio educacional dos primeiros anos, na escola ou na atuação direta com crianças tende a ocorrer em virtude de preconceito gerado pelas famílias, gestores e pelos próprios colegas docentes. Diante disso, refletir sobre a presença do indivíduo do gênero masculino atuando nos espaços que são predominantemente ocupados por mulheres (neste caso o serviço de docência com crianças de 0 a 6 anos) é, no mínimo, desafiador para os nossos dias atuais, pois ainda não é algo comum no meio escolar.

Seguindo o pensamento de Louro (1997), é no meio social que ocorre a elaboração, desenvolvimento e desconstrução dos conceitos relacionados aos gêneros. Portanto:

A característica fundamentalmente social e relacional do conceito [gênero] não deve, no entanto, levar a pensá-lo como se referindo às construções de *papéis* masculinos e femininos. Papéis seriam, basicamente, padrões ou regras arbitrárias que uma sociedade estabelece para os seus membros e definem seus comportamentos, suas roupas, seus modos de se relacionar e dese portar... Por meio do aprendizado de papéis cada um/a deveria conhecer o que é adequado (e inadequado) para um homem e uma mulher numa determinada sociedade e responder a essas expectativas. Ainda que utilizada por muitos/as, essa concepção pode se mostrar redutora ou simplista (LOURO,1997,p. 23-24).

Em vista disso, o gênero faz parte da formação de identidade de todo o ser humano e liga-se diretamente a vários outros grupos, tais como etnia, classe e orientação sexual. Além

do mais, gênero possui suas próprias características e definições ligadas ao poder pré-estabelecido nos meios sociais, tornando-as naturalizadas, ajudando a criação de padrões relacionados ao gênero.

De acordo com a feminilização do magistério, Louro (1999) aponta que:

No Brasil é possível identificar algumas transformações sociais que, a longo da segunda metade do século XIX, vão permitir não apenas a entrada das mulheres nas salas de aula, mas, pouco a pouco, o seu predomínio como docentes. [...] Talvez mais adequado seria entender que, naquele momento, um processo de urbanização estava em curso, no interior do qual – além da presença de outros grupos sociais, como imigrantes, de outras expectativas e práticas educativas e de outras oportunidades de trabalho – um novo estatuto de escola se instituía. O magistério se tornará, neste contexto, uma atividade *permitida* e, após muitas polêmicas, *indicada* para mulheres, na medida em que a própria atividade passa por um processo de resignificação; ou seja, o magistério será representado de um modo novo nomeada em que se feminiza e para que possa, de fato, se feminizar (LOURO, 1999, p. 95).

Louro (1999) declara que, de forma progressiva, foi permitida a entrada das mulheres por conta de sua principal função materna, que é de zelar e educar seus filhos. Deste modo, a refletir sobre no meio profissional da mulher, as poucas opções aparecem somente relacionadas a um complemento das atividades relacionadas aos cuidados da casa, como cozinhar, limpar, lavar e entre outros. Obrigações essas que não afetassem e que reconhecessem as características relacionadas ao esperado do gênero feminino. Assim, a profissão professora para as mulheres aparece como um serviço que se relaciona diretamente com o que é esperado a elas.

Levando em conta os dias atuais, no qual as mulheres dominaram, por meio de lutas, causas e movimentos sociais, direitos civis e entrada igualitária no mercado de trabalho. Ao realizar uma comparação com o esperado para ambos os gêneros, de forma em que possui consentimento, não acabam exercendo os mesmos papéis como pai e mãe. Ainda existe uma ideologia muito grande de que a função de educar seus filhos é destinada à mulher, trabalhando ou não. Enquanto ao homem ainda é atribuída a função de mantenedor, relacionada diretamente com a parte financeira, entendendo que é algo que vem acima do cuidado e educação de seu filho.

Considerando então,

Abrir espaço para que o homem possa lidar com o afeto, o sentimento, a maternagem é imprescindível assim como abrir espaço para práticas profissionais com feições masculinas dentro destas instituições de educação infantil faz parte do movimento que busca a integração e a

complementaridade entre feminino e masculino com vistas a colaborar para a ruptura das discriminações de gênero nas ocupações ligadas ao cuidado/educação das crianças de 0 a 6 anos e no próprio processo de socialização de meninos e meninas (CERISARA,1996a).

Com isso, é imprescindível reavaliar e dar um novo significado aos padrões que modelam e segregam os homens e as mulheres nas oportunidades, que são capazes de exercer de maneira profissional, e até mesmo nas suas vidas privadas.

É de suma importância propor que as pessoas possuam total liberdade de conhecer diversas formas de seus gêneros e não somente “liberando” de modo social a junção das características dos gêneros masculino e feminino, mas avaliando diversas oportunidades, como por exemplo, de docilidade, força e sensibilidade, podendo ampliar e diversificar as atitudes vistos como feminino e/ ou masculino.

Cerisara (1996) mostra em “A construção da identidade das profissionais de Educação Infantil: entre o feminino e o profissional” a busca para compreender e destacar para a discussão relacionada à construção de identidade dos docentes do ensino básico, para se entender como se dá propagação das práticas femininas domésticas com a profissional das mulheres que atuam em creches e pré-escola, levando em conta a importância da discussão da identidade pessoal e profissional na docência nos anos iniciais. A autora traz alguns aspectos de como a profissão tem se moldado socialmente:

- [...] - uma profissão que contém o que socialmente tem se convencionado chamar de práticas domésticas femininas; uma profissão que inclui/supõe funções de maternagem (entendida aqui no sentido em que tem sido utilizada nos trabalhos de gênero, ou seja, processos sociais de cuidado e educação das crianças independente do sexo das pessoas que os desempenham, uma vez que é usado em oposição ao termo maternidade, esta sim relativa à dimensão biológica da gestação e do parto);
- uma profissão que tem um caráter de ambiguidade tanto pelo tipo de atividade que a constitui quanto pela responsável por realizá-la, oscilando entre o domínio doméstico da educação (casa - mãe) e o domínio público da educação formal (escola-professora) (CERISARA1996a).

Pode-se concluir que, pensando na presença masculina dentro da educação dos alunos de idade entre zero e seis anos, entende-se que tanto os homens ou mulheres são importantes neste meio. A falta do gênero masculino nas escolas de Educação Infantil é uma perda, uma

vez que são nos primeiros anos de vida da criança que ela começa a desenvolver a sua base psicológica, afetiva, social e cognitiva. A participação masculina é importante pelo fato de trazer a figura do gênero masculino como cuidadora e afetiva no desenvolvimento das crianças, além de ajudar na superação de possíveis traumas gerados por relacionamentos conturbados com a figura masculina dentro da própria família. Assim, evita-se também que sejam criados estereótipos limitadores sobre o comportamento dos homens.

## 2.1 AS DIFICULDADES AO LONGO DA HISTÓRIA EM RELAÇÃO AO HOMEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Durante toda a história do nosso país, os primeiros professores, eram homens. Em 1553, chegou ao Brasil o homem que se tornou o primeiro professor no país, o padre José de Anchieta, que dava aulas para os indígenas que habitavam as terras brasileiras na época da Colônia. Com o passar do tempo, os homens foram se transferindo para outras profissões, como por exemplo, funções de serviços braçais e que exigiam mais “esforços”, abrindo assim, o caminho da profissão de docente para as mulheres.

A retomada da figura masculina na sala de aula, principalmente na educação infantil, nestes últimos anos, tem sido uma tarefa complicada e muito delicada de ser tratada, sendo que a sociedade contemporânea nem sempre aceita este fato como algo comum e natural. É comum que a escola, famílias e até as próprias crianças aceitem com mais facilidade a mulher do que o homem.

No imaginário da maior parte das pessoas, o cuidado na escola de educação infantil/ creche se dá em comparação ao cuidado materno, sendo assim, ligado diretamente à mãe/mulher, neste sentido, ficando bem representado nessa relação, ou seja, a educação de crianças na escola está configurada à figura da mulher. Contudo, parece complicado o homem ocupar esse espaço, conforme apresenta Silva (2014):

“A escola da educação infantil, seus professores e todos os envolvidos na unidade escolar, na rede de ensino, é espaço para se refletir na desconstrução de que esse espaço é feminino e que a presença de um homem é ameaçadora, incompatível com a realidade: um fracassado trabalhador da indústria ou do comércio que tenta a sorte num trabalho mais “leve” de olhar crianças” (SILVA, 2014, p. 49).

Como mencionada na citação de Silva (2014), é possível perceber que essa profissão é específica de um determinado gênero, obviamente, o feminino, logo, podendo ser exercida

sem nenhum problema por um profissional de gênero masculino, formado em Pedagogia. A escola tem um papel fundamental nessa temática, no sentido de desconstruir esse preconceito que continua muito presente ao longo do tempo e que é extremamente necessário ser banido dos sistemas de ensino brasileiros, dada a realidade emergente no contexto da sociedade atual. Conforme observa Oliveira (2005) em uma de suas pesquisas:

“Outro ponto recorrente sobre a presença masculina na educação dos pequeninos é que sua masculinidade é colocada a prova, como se homem não pudesse desenvolver tarefas semelhantes à mulher num reduto em até outrora fora predominantemente povoado por mulheres. Ora, se os direitos são iguais e a qualificação técnica por meio de graduação é a mesma para todos, independente de gênero, por que razão uma pedagoga mulher seria mais ou melhor que um pedagogo homem? E por que um homem pedagogo, portanto, licenciado para atuar na educação infantil seria mais ou menos homem? Pela escolha de sua profissão? Tais pontos, questionamentos, desconfianças infelizmente ainda existem até hoje e talvez seja esse um dos principais motivos para ainda haver escassez de homens atuando na educação infantil.”

No Brasil, a discussão de gêneros ainda preserva um viés extremamente sexista em relação à educação das crianças. Assim, torna-se necessário repensar sobre os valores culturais da sociedade. Existe a grande necessidade de refletir sobre a evolução social que se dá durante o processo educacional.

A principal atuação de professores na educação infantil sempre foi vista como um espaço ligado somente à figura feminina. De acordo com o censo escolar de 2020, 81% dos docentes atuantes em educação infantil, ensino regulares e EJA são atuantes do gênero feminino, sendo assim, somente 19% dos professores atuantes são do gênero masculino. A revista Folha de São Paulo comenta sobre a situação:

“O Brasil é um país de professoras: elas são 81% dos docentes de escolas regulares, técnicas e EJA, de acordo com dados do Censo Escolar de 2020. Apesar disso, as mulheres sofrem com a desigualdade de gênero. Em média, os docentes homens recebem 12% a mais que as mulheres. A disparidade de salários é causada principalmente pelo fato de as mulheres estarem mais presentes em níveis escolares mais baixos e regiões com salários menores. A presença de mulheres diminui à medida em que avança o nível das etapas de ensino. Mulheres correspondem a 96% dos professores da educação infantil. No ensino fundamental I e II, elas representam, respectivamente, 88% e 67% dos docentes. No ensino médio, o percentual diminui para 58%.”

Os homens são a minoria dentre os docentes nos anos iniciais, e isso é notável na grande maioria das instituições de ensino. A presença do gênero masculino é historicamente bem menor nesses espaços e, quando estão por lá, muitas vezes tem como posição nas

instituições como diretora ou coordenadores pedagógicos, ou seja, posições de “poder”, e por diversas vezes os professores homens sofrem algum tipo de preconceito, tanto pelas famílias, como pelos próprios colegas de serviço, devido ao seu gênero ou até mesmo pela sua sexualidade.

É preciso pensar na educação como um ato político, longe de uma visão presente no senso comum em que se liga a ideia de “ser político” a “ser adepto a um partido político”, mas em uma dimensão em que as escolhas que fazemos reforça ou combate os preconceitos. Ficarmos calados perante uma situação de preconceito pode parecer uma postura neutra, porém deixar de agir é tão grave quanto reforçar tal atitude, afinal estamos negando a possibilidade de combate ao preconceito. Cabe a todos nós incentivar a discussão dentro das escolas, e isso, ajudará não somente os homens, mas as mulheres no combate ao machismo que existe na nossa sociedade.

## 2.2 DESIGUALDADE DE GÊNERO

O termo “gênero” é um conceito socialmente novo, historicamente nasceu do movimento feminista contemporâneo na década de 60. Hoje, ainda, é pouco debatido e explanado nos trabalhos acadêmicos de nosso tempo. Mas essa temática é tão antiga quanto à existência humana, possuindo raízes ainda mais profundas do que a origem do movimento feminista do século XX. Assim, a novidade do conceito é ligada à modelação social que torna homens e mulheres desiguais. Até então, o corpo humano bastava para nos diferenciarmos. Com isso, a utilização do conceito apresentou um caráter de contraponto respondendo às interpretações biológicas que vinculam as diferenças sexuais às posições sociais hierarquicamente diferentes entre mulheres e homens. O entendimento atual do mundo moderno mudou essa configuração, principalmente a partir das primeiras tentativas de superação das desigualdades sociais entre os homens e as mulheres.

A autora Cristina Bruschini em *Tesouro para estudos de gênero*, o conceito é exposto como sendo:

“Princípio que transformam as diferenças biológicas entre os sexos em desigualdades sociais, estruturando a sociedade sobre a assimetria das relações entre homens e mulheres. Usar “gênero” para todas as referências de ordem social ou cultural, e “sexo” para aquelas de ordem biológica.” (BRUSCHINI, 1998)

Os primeiros estudos registrados sobre a desigualdade entre os homens e as mulheres buscavam situar sobre o modelo feminino, sobre seu corpo, mente e sexualidade. As principais características biológicas, entre elas a pouca força física e até mesmo o menor peso do cérebro, estavam no centro destes estudos, realizando uma tentativa de explicar que é da “natureza” feminina ser frágil e da “natureza” masculina ser forte. Que o lugar “natural” da mulher é cuidando de casa e dos filhos e que o lugar “natural” do homem é a rua para sustentar a sua família. Esta naturalização da condição humana nada mais é do que uma resposta para legitimação das desigualdades sociais. As condições e os lugares sociais são construções históricas, que variam no tempo. Não podem ser entendidos como naturais, prontos e acabados. Nossas condições não são imutáveis. São históricas, ecomotal, sexo também é uma invenção histórica, ou melhor dizendo, uma invenção social.

A historiadora e professora americana Joan Scott, destacada estudiosa e com diversas teses sobre relações de gênero, aponta o comportamento dos pesquisadores não feministas a respeito da temática das mulheres. Uma das tendências apresentada era, mesmo reconhecendo sua possível relevância teórica, descartar este tipo de estudo e comenta:

“As mulheres têm uma história separada da dos homens, portanto deixemos as feministas fazer a história das mulheres, que não nos concerne necessariamente” ou “a história das mulheres trata do sexo e da família e deveria ser feita separadamente da história política e econômica”. (SCOTT,1996).

Deste modo, é possível entender e constituir uma categoria de análise que seja relacional, pois, homens e mulheres, machos e fêmeas, são indivíduos que se diferenciam em alguns aspectos produtivos, com efeito, só podemos defini-los correlativamente. Isso acontece por um determinado período, e em vários estudos, foi visível a substituição dos termos “mulheres” por “gênero” mais pelo fato de ser uma necessidade de inclusão do tema nas ciências sociais, do que propriamente apenas uma construção de um conceito que compreende a necessidade de relação entre os homens e as mulheres.

### 2.3 GÊNERO E SEXUALIDADE

A estrutura dos seres vivos é caracterizada por condições e funcionalidades peculiares e singularidades entre os machos e as fêmeas. Gilbert, Hallet e Elldridge (1994), citados por Nogueira (2001), acreditam que para especificar os indivíduos segundo a anatomia humana

utiliza-se o termo sexo. Portanto, um indivíduo é macho ou fêmea de acordo com os cromossomos expressos em seus órgãos genitais. Stoller (1993), citado por Oliveira e Knöner (2005), porém, em suas investigações buscou comprovar que as características de gênero não se diferem pela biologia, uma vez que muitos sujeitos apresentam características femininas ou masculinas em dissonância com sua anatomia.

A palavra gênero, decorrente ao senso comum, está associada a qualquer categoria, classe, grupo ou família que apresente determinadas características comuns. Por exemplo, os filmes podem classificar-se de acordo com suas características em românticos, policiais, comédias, de ação, dramas, entre outros. A palavra gênero, na arte, pode ainda designar estilos distintos: gênero dramático, gênero literário. (OLIVIERA e KNÖNER, 2005).

Partindo de 1975, porém, o termo gênero passou a ser utilizado para abranger as formas diferenciando a sexualidade em que induzem em uma sociedade. O gênero passou a se constituir a uma entidade moral, política e cultural, ou seja, uma construção ideológica, em contraposição a sexo, que segue como uma singularidade anatômica. (OLIVIERA e KNÖNER, 2005). Esse termo gênero, classificação construída pela sociedade, contribui para estimular a distinção entre sujeitos de sexos opostos. Essa classificação valida a construção de significados sociais e culturais que diferem cada grupo anatômica sexual e que são repassados aos indivíduos desde a infância. (DEZIN, 1995, apud NOGUEIRA, 2001).

No final dos anos 80, esse ponto passou a ser utilizado pelo movimento feminista no Brasil. O conceito de gênero nasceu, então, como categoria de análise, em estudos que se faz um propósito de demarcar lugares e diferenciá-los que é da ordem do masculino e do feminino. A nova opinião possibilitou, também, analisar as diferenças entre os indivíduos, coisas e situações vividas por cada. A aplicação do conceito de gênero ocasionou o afastamento da ideia de determinismo biológico relativa ao sexo. (OLIVEIRA e KNÖNER, 2005). Para Mitchell (1988, citado por OLIVEIRA e KNÖNER, 2005), as sociedades dividem as pessoas de homem e mulher, determinando suas características respectivamente por masculinidade e feminilidade. O autor admite, no entanto, que essas qualidades não são permanentes. Cada marca exclusiva, porém, é condição da outra, significando que em nenhum momento elas podem ocupar o mesmo lugar.

O gênero feminino se compõe apenas em oposição ao gênero masculino e, nas diferenças, homens e mulheres se constroem juntos. A palavra diferença, não significa necessariamente contradição, luta, conflito ou desigualdade. (LAGO, 1999, citado por OLIVEIRA e KNÖNER, 2005). Portanto, o conceito de gênero implica um conceito de

relação, uma vez que o universo das mulheres está inserido no universo dos homens e vice-versa. Dessa forma, o gênero acontece apenas nas relações.

#### **2.4 DESAFIOS A SEREM ENFRENTADOS PELO PROFESSOR DO SEXO MASCULINO AO LECIONAR PARA CRIANÇAS**

Linhares (2012) traz a ideia de que a presença do homem na área da educação ainda é primária, o que nos leva a retratar mais sobre pontos que vêm surgindo em meio a sociedade, tais como o preconceito e a discriminação. Segundo o autor, a figura feminina sempre foi titulada de forma preferencial e presente nas profissões referentes à criança, por contado seu instinto maternal. Por outro lado, a figura masculina se afasta dessa representação por questões históricas, culturais e sociais, tais como o fato de o homem buscar por profissões queo tornem mais valorizado, que possibilite sua ascensão social.

Ainda de acordo com o autor, a profissão de professor não é valorizada como deveria, tal como a mulher, que por tempos passa com a diferença entre os gêneros, indagaçãoque ainda está vinculada à população, que determina a mulher como mais adequada aoexercício da profissão. Diante desse quadro, Linhares (2012) apresenta a questão da figura masculina: “De qual modo é preciso enfrentar o preconceito sofrido por homens em uma profissão vista como feminina, especificamente na Educação Infantil?” Isso ocorre pelo fatode que gênero nas profissões ainda é uma questão a ser trabalhada.

O estudo de Gonçalves et.al. (2016) intitulado "Olhares de professores homens de Educação infantil: conquistas e preconceitos” trazem a ideia de que o gênero masculino na área da educação, especialmente se tratando de educação infantil, é muito sentenciado e certasvezes não reconhecido. As causas e motivos são muitos, seja pela falta de confiança das famílias, por conta dos numerosos casos de estupro e abuso que são a realidade vivida por alguns menores, sendo o maior número das denúncias feitas contra homens, no entantotambém pela história descrita em anos antigos, levando em conta o fato da maternidade, a mulher seria a figura mais caracterizada para lidar com crianças pequenas, o que não deixa de ser um tabu, afinal muitos pais criam seus filhos sozinhos e são completamente aptos para exercer tal função.

Em determinados estudos como o de Sayão (2005) que buscou entender como os homens se apresentam como professores de educação infantil em uma profissão que é considerada “tipicamente feminina”, conclui-se que a Educação Infantil pode se desenvolver em múltiplas dimensões tendo em conta de que meninos e meninas já nascem em uma cultura

que gera desigualdades a serem superadas. Demonstrando com alguns binarismos: público e privado, masculino e feminino, corpo e mente. Rodrigues (2008) em sua pesquisa busca como objetivo captar que não é apenas papel da mulher educar.

Diante das reflexões acima, entendemos que o homem, quando pedagogo, está alinhado a levar suas práticas para determinar conceitos e estereótipos, ele resultara a questionar mais sobre sua função na escola e na sociedade, colaborando em um ambiente de transformação da visão da pedagogia, resultando na necessidade de um diálogo sobre gênero na escola por meio de sua defesa de sua atuação na educação.

## 2.5A EXISTÊNCIA DO GÊNERO MASCULINO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM AMBIENTE APENAS PARA MULHERES?

Conforme os estudos afirmados de Bruschini e Amado (2013), é perceptível que, ao passar dos tempos, quando se encontra um professor do sexo masculino na educação infantil, iniciam-se algumas questões, como por exemplo: você gosta de crianças? Possui habilidades para cuidar de crianças pequenas? O que você está fazendo nesse lugar que é destinado à mulher? Nota-se que essas questões estão vigentes para os professores homens nesse espaço estabelecido. Para compreender as razões pelas quais a educação infantil ainda apresenta tão poucos professores do sexo masculino, é preciso entender as dificuldades encontradas durante a atuação em um ambiente comandado por mulheres. Os autores (*op. cit.*) afirmam que a educação infantil era uma área dominada unicamente pelo gênero feminino, porém, com o passar dos anos, cresceu com a presença de alguns professores do sexo masculino nesse ambiente para trabalharem como educadores.

Dessa forma, a sociedade estabelece um novo olhar e uma visão divergente sem relação a aparição de alguns homens atuando na educação infantil. Em 2012, “uma pesquisa feita afirma que existiam apenas 6% de professores homens atuando na educação infantil com crianças na idade de 0 a 6 anos, em contrapartida as professoras eram em seu total de 94%”. (Brasil, INEP, 2012).

Sayão (2005) indaga as afirmações de que o magistério se tornou uma profissão praticamente dominada pelo sexo feminino apenas pelo número de mulheres ser maior que o de homens nesse ambiente, isto é, para a autora isso é um impasse e não uma verdade. Alguns pesquisadores declaram que essa área não se transformou de verdade uma profissão feminina por simplesmente existir mais professoras do que professores, mas por homens estarem exercendo um trabalho em um ambiente que, para a sociedade, é julgado como um "trabalho de mulher".

Partindo das ideias acima, entendemos que há um grande questionamento da sociedade quanto a presença do Professor do sexo masculino na Educação Infantil, por um viés do preconceito e por julgarem a mulher como mais apropriada para lecionar para esse segmento, por outro lado, a Lei de Diretrizes e Bases Nacional da Educação, LDBEN 9394/96 (Brasil, 1996) dá o total direito ao trabalho do docente masculino nessa área, além disso, não diz que esse espaço é somente para mulheres, pois a lei garante a permanência do professor homem nesse espaço, o que traz a necessidade de se rever isso na sociedade.

## **2.6 UMA BREVE ANÁLISE DA PRESENÇA DE PROFESSORES DO SEXO MASCULINO NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

A atuação de Professores na educação infantil vem se modificando em todo os aspectos, no espaço, no educar e no cuidar. De acordo com o Referencial Nacional para a educação infantil (1998), é necessário ter uma competência polivalente ao trabalhar direto com crianças pequenas. Esse caráter polivalente, por sua vez, deve ser levado constantemente à reflexão pelo docente sobre sua prática.

Sendo assim, deve ser planejada e registrada toda a rotina da classe da educação infantil, como a troca de fralda, alimentação, atividade, brincadeira e higiene pessoal. Mostrando e quebrando a barreira de que o homem não está apto para exercer essa função. Dessa forma, é importante discutir a docência a partir da intencionalidade planejada no trabalho pedagógico juntamente com as crianças, considerando o planejamento, registro e avaliação, incluindo também toda a rotina, como alimentação, cuidados com o corpo e sono.

Tanto Sayão (2005), quanto Pereira (2012) trazem relatos de professores que encontraram barreiras para participarem de momentos de atendimento individual ligados ao corpo das crianças, como as trocas de fraldas ou acompanhamento das crianças ao banheiro.

Situações, que geralmente, ocorreram por conta do tabu construído pela sociedade em torno do masculino como uma possível ameaça à criança.

O fato de a presença de um professor do sexo masculino na sala de aula da educação infantil causar estranheza, por serem a minoria na profissão tem feito com que esses profissionais queiram quebrar esse padrão, a fim de fazer com que seja normal se deparar com eles na sala de aula, uma vez que podem possibilitar grandes contribuições para o segmento em questão.

Todo esse cenário traz à luz a importância de a sociedade refletir sobre a inserção de professores homens nas salas de educação infantil, uma vez que, além de ser um direito dos docentes do gênero masculino, esses profissionais podem oferecer muitas contribuições para o referido segmento. A fim de que sejam quebrados os preconceitos sobre a atuação deles, é urgente que esta reflexão adentre as formações dos professores e também os debates no âmbito social.

## 2.7. A LEGISLAÇÃO EM RELAÇÃO AO DOCENTE MASCULINO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

No ano de 1996, a Lei de Diretrizes e Bases, no artigo 62, define em relação a formação do professor, que para trabalhar na educação básica é exigido o nível superior em universidades ou institutos superiores de educação, aceitando como formação mínima para a atividade do magistério na Educação Infantil, tal como nas primeiras quatro séries do ensino fundamental, a de nível médio, na modalidade Normal.

O Estado tem como obrigação (União, Estados, Distrito Federal e Municípios) de garantir a educação infantil para todas as crianças em creches e pré-escolas (CF/88, art.208, IV). Para assegurar esse direito que a Constituição estabelece e define que os municípios precisam oferecer os cargos na educação infantil, competindo aos governos federais e estaduais dar apoio financeiro e técnico para a elaboração, e a sustentação de vagas em creches e pré-escolas (art.30, VI, e art.211).

Ao lermos o artigo 62 da LDB, não encontramos nenhum empecilho na Lei relacionada à educação infantil para a atuação do professor do sexo masculino neste

segmento. Apenas destaca-se a exigência de serem professores habilitados, como diz o artigo abaixo

A formação de docentes para atuar na educação far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena em universidades e institutos superiores de educação, admitida como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nas quatro séries do ensino fundamental, oferecida em nível médio, na modalidade Normal. (LDB,art62)

A lei permitiu que uma nova área de trabalho surgisse para os homens, pois passou a se ter concursos públicos, nos quais não delimitavam que somente o sexo feminino pudesse trabalhar com as crianças na educação infantil, mas sim profissionais formados para aquela função.

Considerando a garantia, por lei, de o Professor do sexo masculino atuar em tal segmento, entendemos a necessidade de se introduzir na formação da graduação, bem como na formação continuada, discussões sobre a presença do docente do sexo masculino na educação infantil, a fim de se colocar em pauta as possíveis problemáticas, buscando trazer aceitação desses profissionais, independentes do sexo que possuem.

### **3 MÉTODO**

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, fazendo-se uso de livros, artigos, documentos oficiais e leis que tratam da presença do gênero masculino na educação infantil.

A busca foi feita na biblioteca do Centro Universitário UniFUNVIC e em *sites* especializados, principalmente no *Scielo*, partindo-se das palavras-chave: Educação Infantil. Professor. Gênero masculino.

### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A grande ausência de profissionais do gênero masculino na Educação Infantil é parte de um ciclo, o qual tem início nos próprios cursos de formação inicial, seja a Pedagogia ou o antigo Magistério, nos quais a presença de homens quase não existia. A introdução dos

homens nas instituições de ensino, principalmente como docente na educação infantil, pode gerar desconfianças e incertezas, uma vez que esta profissão é predominantemente exercida por mulheres.

Analisar, comentar e discutir sobre a inserção dos professores dentro dos espaços de ensino infantil é ter em conta que ainda atualmente não é comum nem esperado que homens possam desempenhar com êxito, as mesmas funções que uma mulher quanto ao cuidado, carinho e educação da criança. Os momentos que se relacionam diretamente ao cuidado da criança, como por exemplo, uma troca de fralda, ou um momento de afetividade, como acolher uma criança no colo quando necessitar de amparo mostra que ainda existem muitos preconceitos que necessitam ser desconstruídos, seja no que tange a possível orientação sexual e de gênero dos professores, seja por um imaginário coletivo que os coloca como possíveis agressores ou incapazes de desempenhar suas funções.

Não é possível afirmar que a presença dos homens nas salas de aula contribua para a ruptura das possíveis discriminações de gênero e/ou sexualidade, sendo que, mesmo que inseridos nos espaços femininos, estes profissionais, diversas vezes, acabam por contribuir com o aumento de práticas e discursos que comprovam a desigualdade quanto aos padrões de gênero. É extremamente importante uma análise aprofundada das práticas e dos contextos em que esses profissionais estão incluídos, para, assim, poder refletir se de fato, os preconceitos e padrões de gênero estão sendo desconstruídos.

Deste modo, é fundamental pensar em formações que discutam, comentem e reflitam sobre as questões de gênero e contribuam para tal assunto, não somente em relação às práticas pedagógicas dos profissionais atuantes na Educação Infantil, mas, sobretudo a própria identidade profissional, desconstruindo um senso comum que indica a função de docente dos anos iniciais como extensão da educação na esfera feminina.

## REFERÊNCIAS

- BRUSCHINI, Cristina; ARDAILLON, Danielle e UNBEHAUM, Sandra G. **Tesouro para Estudos de Gênero e sobre Mulheres**. Fundação Carlos Chagas e Editora 34. São Paulo, 1998.
- CAETANO, Carolina. **Onde estão os homens na educação infantil?**. Papo de Homem, [S. l.], p. 01 - 01, 22 ago. 2019. Disponível em: <https://papedohomem.com.br/onde-estao-os-homens-na-educacao-infantil>.
- CERISARA, Ana Beatriz. **A construção da identidade das professoras de Educação Infantil: entre o feminino e o profissional**. 1996. São Paulo, USP, Tese (Doutorado em Educação). Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.
- CERISARA, Ana Beatriz. **Em busca da identidade das profissionais de educação infantil**. Portal educação Salvador. Disponível em: 1996a. <http://www.portal.educacao.salvador.ba.gov.br/site/documentos/espaco-virtual/espaco-educar/educacao-infantil/artigos/em%20busca%20da%20identidade%20das%20profissionais.pdf>
- GONÇALVES, J. P. **O perfil profissional e representações de bem-estar docente e gênero em homens que tiveram carreiras bem-sucedidas no magistério**. 2016. 232 f. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUC/RS, Porto Alegre, 2016.
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- SCOTT, Joan Wallach. **“Gênero: uma categoria útil de análise histórica”**. Educação & Realidade. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, pp. 71-99
- MENEZES, Ebenezer Takuno de. **Verbete formação de professores. Dicionário Interativo da Educação Brasileira - EducaBrasil**. São Paulo: Midiamix Editora, 2001. Disponível em <<https://www.educabrasil.com.br/formacao-de-professores/>>. Acesso em 13 nov 2021.
- NOGUEIRA, Conceição. **Um novo olhar sobre as relações sociais de gênero: feminismo e perspectivas críticas na psicologia social**. Fundação Calouste Gulbenkian, 2001
- OLIVEIRA, Anay Stela; KNÖNER, Salete Farinon. **A construção do conceito de gênero: uma reflexão sob o prisma da psicologia**. Trabalho de Conclusão de Curso. Blumenau: FURB, 2005.
- OLIVEIRA, Ricardo da Cunha. **Docência Masculina Na Educação Infantil**. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 03, Ed. 12, Vol. 01, pp. 80-94 Dezembro de 2018.

SAYÃO, Deborah Thomé. **Relações de gênero e trabalho docente na educação infantil: um estudo de professores em creches**. 2005. 273 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Florianópolis.

SILVA, C. R. **Docência masculina na educação infantil: impressões de um iniciante. Gênero e raça em discussão**. Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2014.

SILVA, Daniel Neves. **Feminismo no Brasil**; *Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiab/feminismo.htm>. Acesso em 13 de novembro de 2021.

Autorizo cópia total ou parcial desta obra, apenas para fins de estudo e pesquisa, sendo expressamente vedado qualquer tipo de reprodução para fins comerciais sem prévia autorização específica do autor. Autorizo também a divulgação do arquivo no formato PDF no banco de monografias da Biblioteca institucional.

Débora Flávia Ramos dos Santos, João Pedro Diniz Rangel Barreira e Maria Clara de Oliveira Lacerda Silveira  
Pindamonhangaba, dezembro de 2021.